

SECTOR INFORMAL

Impacto da Covid-19 na mulher

JOANA MACIE

As mulheres são tidas como as mais vulneráveis a choques económicos, especialmente em momentos de crise, como a que se vive no mundo, em geral, e no nosso país, em particular, com a eclosão do novo coronavírus que provoca a devastadora doença, Covid-19.

Segundo as Nações Unidas, as mulheres têm maior probabilidade de perder os seus empregos, tendo em conta que representam a maioria das empregadas a tempo parcial.

Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) indicam que as mulheres representam 40% do emprego total, mas quase 57 por cento, a tempo parcial. Por outro lado, elas constituem a maioria do chamado trabalho informal.

Em Moçambique, o trabalho informal é a fonte de sobrevivência de muitas famílias lideradas por mulheres, vendendo produtos ou serviços. Porém, trata-se de actividades que impõem uma série



Mercado Grossista do Zimpeta

de dificuldades e riscos, em especial num momento como o da Covid-19.

O nível baixo de escolaridade, as desigualdades sociais reforçadas pelas práticas culturais que colocam a mu-

lher numa posição inferior a do homem, reduzindo assim o acesso as oportunidades, a pobreza, os despedimentos, o salário baixo e a guerra, são as principais razões que fizeram com que muitas mulheres

procurassem no sector informal uma alternativa de subsistência.

São estas mesmas mulheres que fomentam a economia e contribuem para o crescimento do país, ainda

que informalmente. A nossa Reportagem traz nesta edição o ponto de vista de algumas mulheres empreendedoras no sector informal e que estão a viver na pele as consequências da pandemia da Covid-19.

Tenho medo de perder tudo

NILZA Valente tem 38 anos de idade e abraçou o empreendedorismo em 2015, como refúgio aos maus tratos que sofria do ex-companheiro, pai dos filhos. Com a pandemia da Covid-19 teme que todas as conquistas alcançadas até então vão por água abaixo.

"Esta situação vai retroceder os meus negócios, por isso estou muito preocupada e à procura de

novas alternativas de sobrevivência", afirma Nilza Valente.

A fonte faz parte de um número considerável de mulheres que encontram o sustento das suas famílias nos diferentes negócios que passam por viagem à China, Índia, Brasil, Portugal, África do Sul, entre outros pontos do mundo.

A sua primeira viagem foi para a África do Sul, em 2015.



Nilza Valente

Inicialmente comprava roupa para crianças e vendia porta-a-porta, e depois passou à fornecedora de lojas sul-africanas.

"Levava casacos de lã que saíam dos fardos de roupa usada de Maputo e passei a acrescentar no meu negócio a venda de aparelhagens de som por encomen-

da", disse.

Como resultado do crescimento do negócio, Nilza Valente penetrou no mercado chinês, onde começou por trazer cabelos e, mais tarde, roupa, sucesso que a levou a abrir duas lojas de venda de roupa e cabelos, sendo uma no Bairro do Zimpeto e outra

no Magoanine "B", vulgo CMC. Quando a pandemia da Covid-19 começou, estava a construir a terceira loja no Bairro Txume-ne. Nilza Valente contou à nossa reportagem que quando o surto da Covid-19 começou estava na China, na cidade de Hong Kong, e foi obrigada a regressar antes de terminar as compras, visto que já se anunciava o encerramento das fronteiras.

"Graças a Deus consegui voltar a tempo e sem ter sido infectada", disse Nilza Valente, explicando que viajava pelo menos três vezes por mês à China. A nossa interlocutora pede ao Governo para contemplar o seu sector na alocação de fundos, a título de empréstimo, nem que isso seja feito por intermédio da Associação Mukhero, porque depois da pandemia muitos importadores e revendedores estarão com problemas financeiros graves.

O dilema de Betânia



Betânia Marcos

BETÂNIA Marcos, 39 anos de idade, é mãe de três filhos menores. Em conversa com o nosso jornal, mostrou-se preocupada com o surgimento da doença, que coloca a sociedade numa situação de total insegurança, em particular as mulheres do mercado informal. A fonte comercializa produtos importados da África do Sul, no mercado do Xipamanine, há sensivelmente 10 anos. "Vendo todos os produtos de primeira necessidade, incluindo material de higiene, mas desde que o país decretou o estado de emergência, em Março, as coisas não vão bem, primeiro, porque não tem sido fácil entrar na África do Sul, onde adquirimos os produtos, segundo, porque o poder de compra das pessoas baixou drasticamente", explicou.

Betânia Marcos conta que o impacto da Covid-19 já se faz sentir na sua vida, pois já não consegue garantir as propinas dos seus dois filhos que estão a fazer licenciatura numa universidade privada, que insiste que os pais devem pagar as mensalidades, não obstante a paralisação das aulas.

"Estou preocupada com esta situação, porque é-nos exigido o pagamento de propinas, quando as despesas escolares aumentaram com a introdução de aulas via internet, que obriga os pais a adquirir computadores ou telefones compatíveis para o efeito, sem incluir o custo de internet", lamenta Betânia, que pede a intervenção do Governo.

Consequências da pandemia

O SECTOR informal, com cerca de 15 mil membros, dos quais 75 por cento são mulheres, é um dos mais afectados pela pandemia da Covid-19, que já afectou 81 pessoas no país. Sudecar Novela, presidente da Associação dos Pequenos Importadores de Moçambique (Mukhero), descreve o impacto da pandemia como grave, sobretudo com a o estado de emergência decretado a 1 de Março e consequente prorrogação por mais trinta dias, obrigando ao encerramento das fronteiras. Sudecar Novela explica ainda que o impacto foi directo, porque nos primeiros dias do estado de emergência todos os farrheiros, fornecedores de hortícolas, ficaram confinados nas suas casas, complicando ainda mais a situação, uma vez que os camiões com permissão para entrar na África do Sul voltavam sem produtos.

"Face à situação, os governos da África do Sul e Moçambique acordaram a circulação de camiões em circulação, sendo que isso permitiu que Moçambique não tivesse falta de produtos básicos, incluindo hortícolas", disse.

Outro problema que os



Sudecar Novela

mukheristas atravessaram e que já foi ultrapassado é que os sul-africanos não aceitavam que os camionistas entrassem com eles, o que complicava bastante, porque os mesmos não conhecem o mercado.

"O meio termo encontrado é que cada camião entra com duas pessoas para as compras e não há espaço para quarentena", disse Sudecar Novela, explicando que os que entram trazem as encomendas dos outros.

Segundo o presidente da associação dos mukheristas, com esta situação reduziu o volume de camiões que entram no país de 150 para 70 por dia.

Sudecar Novela disse ainda

que a pandemia da Covid-19 veio confirmar que Moçambique depende 100 por cento da África do Sul em termos de produtos de primeira necessidade, tais como carnes e hortícolas.

"Nós trazemos tudo da África do Sul, desde ovos, batata, cebola, alho, tomate, repolho, açúcar, material higiénico, carne de vaca, de suíno e frangos", disse, salientando que o frango nacional continua a sair a preço elevado, sobretudo quando comparado com o sul-africano.

O presidente da associação dos mukheristas lamenta, afirmando que este é o momento de elevar o consumo do produto nacional.